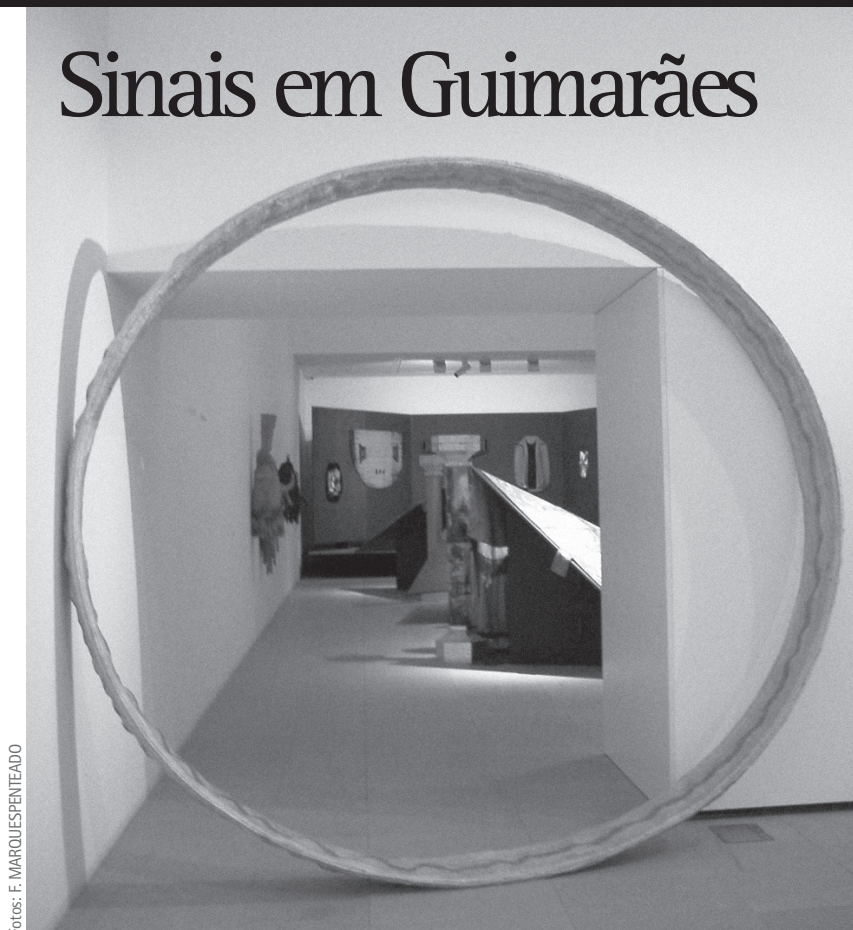


[FERNANDO MARQUES PENTEADO]

É artista visual com trabalhos em desenho, impressões, aplicações e bordados, realizando trabalhos seriados, instalações e projetos educacionais. Mestre em Artes Visuais/Têxteis pelo Goldsmiths College, em Londres, é um cronista, um curador e um fotógrafo clandestino.

E-mail: marquespenteado.f@gmail.com

Sinais em Guimarães



Fotos: F. MARQUESPENTEADO

O anel de Catarina, f. marquespenteado.

Desde 1985, os estados europeus elegem anualmente uma ou duas cidades a que nomeiam sua(s) capital(is) cultural(is), centro que promoverá durante aquele ano uma programação cultural especialmente desenhada para iluminar o particular e exclusivo património pelo qual a cidade foi selecionada dentre tantas outras candidaturas. Junto a Maribor, na Eslovênia, em 2012, a cidade de Guimarães, no norte de Portugal, foi selecionada como capital europeia da cultura e, desde fevereiro, vem promovendo uma cuidada programação que faz ver o melhor de seu circuito de bens. Ainda, preocupou-se em encomendar uma série inédita de trabalhos a artistas de áreas plurais, obras que vem sendo incluídas no calendário dos eventos em curso até fevereiro de 2013. Um meio vital para esses eventos foi a abertura de um novo centro de artes, o CIAJG (Centro Internacional de Artes José de Guimarães), um centro encravado dentro da chamada Plataforma das Artes, um espaço central que veio sendo reestruturado e foi inaugurado, a propósito, em junho último. Esse novo centro retorna à cidade num local estratégico e simbólico, onde, por séculos, funcionou o mercado público da cidade, espaço que lhe foi devolvido, agora, transformado em ágora/prça na qual convívio público e atividades artísticas – deseja-se – buscarão um novo trânsito, lado a lado. O CIAJG estreou com a exposição *Para além da história*,¹ com a curadoria de Nuno Faria, na qual tive o prazer de trabalhar e que é o assunto desta coluna.

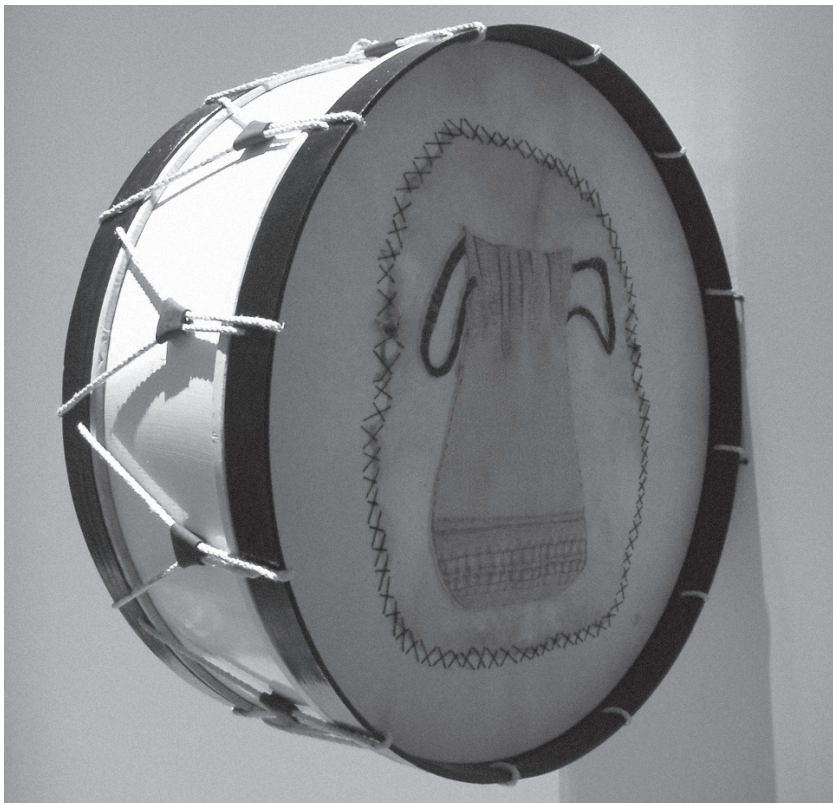
Eu havia trabalhado com Nuno Faria em uma encantadora experiência em Faro,

no Algarve, em 2010, quando realizamos, no Museu Regional do Algarve, a instalação *A bancarrota* (ler a coluna *Vão cego*, em *dObra[s]* 10), onde nossa sinergia e amizade cresceram. Curadores conhecem "seus" artistas e, por isso mesmo, muitas vezes, preferem voltar a trabalhar com seus universos, compreensões e fazeres. Em *Para além da história*, fui convidado a experienciar Guimarães durante todo o mês de fevereiro não somente para inspirar os trabalhos comissionados que tive produzidos para a exposição, mas também fui convocado a localizar e arregimentar, dentre o farto e impressionante patrimônio têxtil popular e religioso local, itens para serem incluídos em um dos núcleos da exposição, de nome "núcleo mole". A concepção, execução e as matizes materiais e intelectuais da exposição *Para além da história* são vastos: Nuno Faria foi capaz de sobrepor saberes e expressões de forma esplêndida, e um detalhamento desse seu conteúdo, o que acaba por ser um elenco de objetos que atravessa treze salas expositivas.

Por motivos óbvios, vou falar do que mais da exposição eu conheço: de meu próprio trabalho. Brevemente, contudo, quero anotar dois pontos. O primeiro sublinha a precisa maestria de Nuno ao alcançar, com a mostra, que desenhou instâncias impressionantes, contornos que ele havia sim anunciado como sendo sua meta, e que, de fato, se evidenciam durante o percurso da exposição, nomeadamente os sintomas de porosidade, instabilidade e alteridade: ao se atravessar o espaço, o sujeito nele muito se perde, há sempre um constante pressentimento de algo incontrolável, maior, não identificável, vácuos nos quais identidades não podem ancorar certezas... A navegação do visitante se dá em mar alto, aberto. E a minha segunda anotação vai para a qualidade e a intensidade das obras dos artistas contemporâneos que ali desfilam suas obras, fazendo face e frente a patrimônios locais já eles carregados de um cunho forte, marcante. Por entre as obras, tem destaque, sem dúvida, a coleção de arte africana de José de Guimarães, que abrilhanta os olhos, mas é o encadeamento dessas obras e das peças históricas coletadas com o pensar e o manusear das ideias e dos materiais de artistas como Daniel Barroca, Otelo Fabião, o próprio José de Guimarães, Rui Moreira, Pedro Valdéz Cardoso, Hugo Canoilas, João Maria Gusmão e Pedro Paiva, entre outros, o que faz verdadeiramente detonar o incompreensível, o diamante central dessa exposição tão primorosamente orquestrada por Nuno Faria.

[14]

A mim foi confiada a tarefa de escrever um texto para o catálogo da exposição que poria em evidência minha perambulação pela cidade, bem como traria luz aos resultados dos seis trabalhos que acabei produzindo para a exposição. Seguem alguns trechos editados desse mesmo texto que tem por título *[sinais] à base de bilirrubina*.



Bombo, f. marquespenteado.



Relicário com a mão de Teresa, f. marquespenteado.

A vida tem (mais e mais) me dado sinais de que experiências vitais para mim se emancipam acompanhadas de eventos sensoriais, táteis, muitas vezes, como se (digamos) uma massa caísse em minha cabeça, agenciando esse despertar. Ganho hoje mais um desses "casos", o que vos narro aqui. Fui convidado a experimentar, livre, guiado por minha bússola e compasso, a cidade de Guimarães, para que por ela eu me deixasse impressionar e nutrir, e dessa passagem produzisse trabalhos (objetos) que (possivelmente) ressoassem seus tetos e calçadas. Ao lá chegar, eu trazia, escondido em uma pasta vulgar, uma coleção de material visual meu, pessoal, para (desejava eu) incluir e fazer ecoar junto ao sistema de artefatos e de assuntos que eu lá viria a descobrir. Minhas intuições eram amplamente animadas pelas conversas preparatórias com Nuno Faria, meu caro curador, ele que, a todo instante e por entre rotas abertas, me liderava e me ilustrava por entre as possíveis navegações no local. Para meu regozijo, o evento que confirmou o casamento entre o material (secreto) desta minha pasta e o conteúdo dessa terra visitada deu-se (já) nas primeiras horas que cheguei à cidade. Folheando o primeiro livro que generosamente as bordadeiras locais que eu visitava me faziam ver, livro justamente sobre o bordado de Guimarães, foi que eu vi inscrita (eu lá encontrei) a imagem de uma toalha bordada que trazia a mesma iconografia que eu perseguia (a mesma contida na tal pasta), a saber, a dos instrumentos que acompanharam Cristo na sua paixão. Eu sabia (mesmo sem ter visto ou tocado qualquer desses objetos têxteis) que esse argumento visual havia sido repetidamente bordado em diferentes épocas e nações. E quando, naquele instante, encontrei, incauto, aquela imagem, a de uma toalha bordada em branco sobre o branco, uma peça em linho que, inclusive, pude posteriormente ter o prazer de tocar e sobre ela refletir, mais uma vez em minha vida um evento emancipou-me, tomou corpo, fez-se carne. Naquele instante (e para mim), eu tinha dado a resposta correta à esfinge, e, com isso, ela liberava minha passagem por aquela cidade: era-me (interiormente) cristalino que eu deveria incluir nos trabalhos o conteúdo de meus segredos e ali revelá-los, o que acabei por fazer.

A iconografia dos instrumentos da paixão retrata objetos díspares que aparecem nas narrações dos Evangelhos quando da sequência dos eventos do caminho de Jesus de Nazaré, o Cristo, que, traído por seu apóstolo Judas, é levado do horto das Oliveiras até o monte Gólgota, onde é crucificado. Esse conjunto de objetos tornou-se um "tipo iconográfico", o resultado de uma marcha visual que, durante os séculos de imagens que orbitam ao redor do cristianismo, deixou de retratar Jesus como um homem solar e vitorioso, e que passou a se concentrar em direcionar a devoção dos fiéis para as armas com que ele foi morto e crucificado, tomando estas sim como o

sinal (por excelência) de Seu triunfo. Esses objetos (entre outros) podem ser: a cruz, a espada, a lança, a esponja, a coluna (no lugar do tronco) onde criminosos eram açoitados, um galo, um torquês, uma pinça, dados para se jogar a sorte (ou alçar o azar). Quero somar a essa imaginação visual a reflexão (que me parece multiplicadora) que faz Ewa Kuryluk quando estuda o sudário. Ewa faz pensar o leitor que sem a tatilidade extensiva de Jesus o cristianismo seria uma religião (bem) diferente. Ela advoga que sem essa tangibilidade (um Deus bem perto de ti) dificilmente o cristianismo teria desenvolvido o culto dos santos, o das relíquias e o dos ícones, ou mesmo construído uma peça têxtil tão importante e distinta como o sudário, peça na qual a pele de um corpo sevicado inscreve, à base de bilirrubina, uma imagem por sobre um tecido, uma imagem que vem, até hoje, sendo disputada tanto quanto adorada. Jesus-Homem beija e é beijado (sua paixão justa começa por um beijo), muitos procuram tocá-lo, procuram suas vestes, e, sempre que possível, sua pele, pois nelas habita a salvação: esse Homem é tangível, toca, sana, altera cursos. Ele inclusive ensina tocando (o lava-pés aos apóstolos) e Ele sabe que certas memórias são armazenadas pela pele. Na exposição *Para além da história*, relíquias recebem distinção: oriundas de variadas fontes de inspiração e culturas, sua relevância faz jus ao fato de que objetos devocionais operam os sujeitos, e com isso e por isso as relíquias são motores de seus mundos. Diz-se que a natureza da relíquia é invisível e que se revela não através da visão, mas através do toque, pois é através desse toque que se entra em contato com o Deus que (presencialmente) impregnou essa peça, esse objeto. Tive a alegria de realizar e estruturar para essa exposição cinco objetos que deambulam por entre as iconografias da "armas Christi", e por entre relíquias que incorporam troços de um corpo santificado. Mais da metade dos trabalhos é feito de peles ou de intestinos de animais, material que, interpretado pelo bordado, me transportou por terrenos incógnitos. Uma das peças retrata o sangue do Cristo flagelado, pois sempre me impressionou (e com força desmedida) saber que a bilirrubina é um líquido que aflora da bilis exclusivamente se dor extrema é infligida ao corpo.

[16]

A oportunidade de construir essas peças/objetos para essa exposição foi ao encontro de muitas perguntas que tenho sobre a vocação e o destino das Artes. Como fazer objetos que procurem reverenciar Transcendências? Como, ou mesmo é possível, fazer encarnar nesse(s) objeto(s) posições que ampliem e reconduzam o observador à experiência de ideias como "Alteridades" e "Fé"? (E Fé, entenda-se aqui, por favor, menos sob a sua clave religiosa, mas enquanto "a firmeza do sujeito na execução de um compromisso", o que, no meu entender, é equivalente à Fé na posteridade). Ou como fazer com que esses objetos artísticos evoquem a aliança renovada entre os nossos gestos cotidianos (vigorosos, idiossincráticos) e a candura, abundância e magnanimidade da Natureza, ela que



por esses gestos (tanto) se afeta, se altera, se transforma e, muitas das vezes, se prejudica? E eu sou aqui às minhas perguntas outras visões (coletadas) que alargam essa inquietação: sobre o porvir da presença e da atuação das Artes por entre as sociedades. São visões que se perguntam como manter acesa a percepção de que o cósmico e o sagrado são combustão para as emoções estéticas, e que estas são (quase) as únicas vias que permitem o florescer entre os seres

Coluna aonde o criminoso é açoitado, f. marquespenteado.

humanos de uma emoção única e exclusivamente humana: a de vivenciar o valor da Arte pela Arte. São visões que incluem como funções para as Artes (entre outras e por exemplo) a de aprofundamento, já que é dada ao artista a tarefa de inflamar e intensificar conteúdos, a de testemunho enquanto a obra de arte é como o resumo e a crônica da experiência humana, ou mesmo a função de ordem, sendo que, para seres humanos, adultos ou crianças, a experiência artística é uma busca universal da ordem arrebatada do caos.

Quero concluir somente fazendo notar que não só o corpo e a pele de Jesus de Nazaré são motivo de tenazes, violentas (e mesmo absurdas) caças (e consequente tráfico) de relíquias. Teresa d'Avila, por exemplo, dado o cheiro que cercou seu corpo incorrupto, teve vários membros de seu corpo arrancados: seu velho amigo, padre Gárcián, inaugurou seu desmembramento, cortando-lhe uma das mãos. Tive de ir a Portugal (mais uma vez) para descobrir que, talvez em busca de um estatuto religioso para a sua figura de monarca, D. Afonso Henriques, o fundador da república portuguesa (presumivelmente) nascido em Guimarães, foi exumado não uma, mas duas vezes (reinos de D. Manuel e D. Miguel), exumações que também procuravam testar quanto "aquele" corpo ainda retinha situações sobrenaturais (falava-se, quando da primeira exumação, de um "suave odor de santidade" que exalava de seu corpo). Em 2010, por ordem do presidente venezuelano Hugo Chávez Frias, o corpo de Simão Bolívar, militar que lutara e conquistara a independência da nação e morrera em 1830, foi exumado: por detrás da ensaiada e televisionada operação, a meta de Chávez (contesta-se) era a de associar a *causa mortis* desse libertador (supostamente envenenamento) com uma conspiração oligárquica de então, para com isso legitimar (certas) presentes investidas contra a Colômbia, a mando desse presidente. Ainda hoje, em Guimarães, há enorme devoção ao corpo incorrupto de São Torcato, um bispo de Braga que foi morto ao pedir aos invasores inimigos clemência para poupar a vida à população local. Ainda hoje, relíquias se multiplicam. E hoje também legislações sem precedente condenam empresas e protegem a Natureza que por essas empresas criminosas é devastada: evidenciam-se, com essas legislações, não só a sempre maior e atuante influência política e cultural da cosmologia animística de populações indígenas lesadas em suas regiões, mas também a interligação que hoje se faz entre as arenas científicas, políticas e legais. Dado a casos julgados que incriminam culpados ambientais, a Terra torna-se entidade política e ela mesma convoca todos (nós) a uma universalidade na qual direitos humanos e não humanos são e estão mutuamente constituídos e interdependentes.

Diz-se que a religiosidade das populações rurais europeias bebe mais da matéria (da Natureza, da Terra) do que dos ensinamentos do cristianismo, e Guimarães (senão todo Portugal) atesta isso de forma incontestável (e formidável). E viva o magistral etnógrafo português Moisés Espírito Santo. Quer a Arte contemporânea beber também (e mais e mais) dessa fonte (?); quer ou entenda Ela a missão/vocação de interpretar com mais frequência liturgias cósmicas, valores animistas, festas populares mantidas à custa de ardor inflamado e de genuínos valores associativos dos cidadãos? Faltar-lhe, faltar-lhe-á bilirrubina (e por isso mais sofrimento)? Manter-se-á, no futuro e ubiquamente, a Fé na(s) Arte(s)?

[17]

[1] A exposição *Para além da história* estará no Centro Internacional de Artes José de Guimarães na Plataforma das Artes, no Centro Histórico de Guimarães, até 30 de dezembro de 2012.

REFERÊNCIAS

D'AVILA, Santa Teresa. *O livro da vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KURYLUK, Ewa. *Santa Verônica e o Sudário: histórias, simbolismo, lendas e estrutura da imagem "verdadeira"*. São Paulo: Ibrasa, 1993.